

Alexandre Maslinkiewicz; Paula Roberta Pires Miranda

Resumo

O presente artigo discute a relevância da educação para a morte e a formação acadêmica em Cuidados Paliativos (CP) no cenário da saúde contemporânea. O objetivo é analisar como a integração desses temas nos currículos de graduação pode preparar profissionais para lidar com a finitude humana e a comunicação de notícias difíceis. Através de uma revisão bibliográfica e análise de relatos de experiência, observou-se que a formação atual ainda apresenta lacunas significativas, muitas vezes priorizando a técnica em detrimento da dimensão humanística. Os resultados indicam que a interdisciplinaridade e a bioética são pilares essenciais para assegurar a dignidade do paciente terminal. Conclui-se que a educação permanente e a sensibilização acerca da morte são fundamentais para reduzir o sofrimento ético dos profissionais e garantir uma assistência de qualidade, centrada na pessoa e em seus valores de vida.

Palavras-chave: Cuidados Paliativos; Educação para a Morte; Bioética; Formação Acadêmica; Humanização.

Abstract:

This article discusses the relevance of death education and academic training in Palliative Care (PC) in the contemporary healthcare context. The objective is to analyze how the integration of these themes into undergraduate curricula can prepare professionals to deal with human finitude and the communication of difficult news. Through a literature review and analysis of experience reports, it was observed that current training still presents significant gaps, often prioritizing technique over the humanistic dimension. The results indicate that interdisciplinarity and bioethics are essential pillars for ensuring the dignity of the terminally ill patient. It is concluded that continuing education and awareness about death are fundamental to reducing the ethical suffering of professionals and guaranteeing quality care, centered on the person and their life values.

Keywords: Palliative Care; Death Education; Bioethics; Academic Training; Humanization.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul
alexmaslin@gmail.com

² Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp)
paularmiranda@icloud.com

Introdução

A morte é uma certeza biológica inerente à condição humana, contudo, na sociedade contemporânea, ela é frequentemente tratada como um tabu ou um fracasso terapêutico. No contexto da saúde, essa percepção dificulta a implementação de cuidados que priorizem a qualidade de vida em detrimento do prolongamento artificial da existência. A formação dos profissionais de saúde tem sido historicamente voltada para a cura, deixando uma lacuna crítica quando a cura não é mais possível. Diante do aumento de doenças crônico-degenerativas, a necessidade de profissionais capacitados em Cuidados Paliativos torna-se urgente para atender a milhões de pacientes no mundo.

Os Cuidados Paliativos (CP) representam uma abordagem que visa o alívio do sofrimento físico, psicossocial e espiritual de pacientes com doenças que ameaçam a continuidade da vida. No Brasil, embora existam diretrizes que valorizem a dignidade humana e a bioética, a inclusão do CP nos currículos de graduação ainda é escassa e assistemática. Essa carência formativa reflete-se na dificuldade de médicos e enfermeiros em lidar com a subjetividade e a finitude de seus pacientes. A educação para a morte surge, portanto, como uma ferramenta indispensável para humanizar o atendimento e reduzir a angústia profissional.

A bioética desempenha um papel central nesse cenário, oferecendo a estrutura necessária para guiar decisões complexas no fim da vida. Desafios como a autonomia do paciente, o uso de diretivas antecipadas e a prática da sedação paliativa exigem uma formação ética sólida. Sem uma base teórica e prática adequada, o profissional pode incorrer em práticas que causam sofrimento adicional ao paciente. Portanto, discutir a finitude não é apenas um exercício filosófico, mas uma necessidade prática para garantir o respeito aos valores do enfermo.

A interdisciplinaridade é outro pilar fundamental dos Cuidados Paliativos, exigindo a colaboração estreita entre médicos, enfermeiros, psicólogos e outros profissionais. A atuação do psicólogo, por exemplo, é crucial para oferecer suporte emocional e auxiliar na

elaboração do luto e do adoecimento. No entanto, barreiras de comunicação e hierarquias rígidas ainda dificultam o trabalho em equipe, comprometendo a integralidade do cuidado. Superar esses obstáculos requer investimentos constantes em educação continuada e espaços de discussão clínica compartilhada.

A comunicação de más notícias é um dos aspectos mais desafiadores na prática oncológica e paliativa, exigindo habilidades que vão além do conhecimento técnico. O equilíbrio entre a verdade diagnóstica e o conforto emocional é uma linha tênue que o profissional deve percorrer com sensibilidade. Protocolos de comunicação são ferramentas úteis, mas a formação humanística é o que permite um acolhimento genuíno ao paciente e sua família. A falha nesse processo pode gerar traumas e dificultar a adesão ao plano de cuidados paliativos.

Por fim, a expansão dos serviços de Cuidados Paliativos no Sistema Único de Saúde (SUS) é um imperativo ético e de políticas públicas. A assistência paliativa eficaz tem o potencial de reduzir hospitalizações não planejadas e intervenções fúteis, melhorando a eficiência do sistema. Este artigo propõe-se a refletir sobre como a educação para a morte pode transformar a prática clínica, transformando o "cuidar quando não se pode curar" em um ato de profunda competência técnica e ética. A formação deve preparar o aluno não apenas para a técnica, mas para o encontro humano diante do fim.

Metodologia

Este estudo baseia-se em uma revisão narrativa e análise de conteúdo de artigos científicos, capítulos de livros e relatos de experiência focados em cuidados paliativos e educação médica. Foram analisados documentos que abordam desde os dilemas bioéticos da terminalidade até a experiência prática de estudantes em cenários de fim de vida. A seleção priorizou trabalhos que discutem a formação acadêmica, a interdisciplinaridade e os desafios éticos na oncologia e pediatria, visando construir um diálogo entre as diferentes perspectivas teóricas apresentadas nos textos de base.

Resultados e Discussão

A formação em Cuidados Paliativos (CP) é identificada como um processo de mudança na percepção do aluno sobre a vida e a morte. Segundo Costa, Poles e Silva (2016), essa experiência permite que estudantes de medicina e enfermagem transitem de uma visão técnica para uma compreensão sensível da subjetividade. Silva, Lopes e Costa (2025) complementam que a Educação para a Morte (EPAM) atua como um instrumento de humanização indispensável para o ambiente hospitalar. O contato com a finitude exige um amadurecimento emocional que só ocorre através da prática reflexiva constante. Sem esse suporte formativo, o profissional tende a desenvolver mecanismos de defesa que o distanciam do sofrimento do paciente.

Os dilemas bioéticos no fim da vida exigem que o princípio da autonomia seja respeitado acima do paternalismo médico tradicional. Santos et al. (2024) destacam que a bioética oferece a estrutura necessária para guiar decisões complexas, como o uso de diretivas antecipadas de vontade. No entanto, a aplicação prática desses conceitos ainda enfrenta barreiras culturais e a falta de conhecimento técnico dos profissionais. Franco (2019) reforça que a vivência da morte e do luto pelos profissionais de saúde é marcada por desafios éticos que exigem suporte institucional. É imperativo que a formação acadêmica prepare o futuro médico para mediar conflitos entre a técnica e a vontade do enfermo.

A interdisciplinaridade é um pilar dos CP, mas sua implementação enfrenta desafios como a falta de formação específica e hierarquias profissionais. Prazeres et al. (2024) apontam que a colaboração entre diferentes disciplinas é fundamental para garantir a qualidade integral da assistência prestada. Costa et al. (2024) observam que, na Atenção Básica, a humanização e a integração da rede de cuidados são essenciais para o acompanhamento longitudinal. Estratégias como reuniões de equipe e espaços de discussão de casos clínicos são vitais para romper barreiras de comunicação. O sucesso do paliativismo depende da capacidade de

diálogo constante entre todos os membros da equipe multiprofissional.

O papel do psicólogo no contexto de cuidados paliativos é essencial para mediar conflitos decorrentes do processo de adoecimento e morte. Barbosa, Matschinske e Albertuni (2024) afirmam que a atuação psicológica visa compreender o paciente como um ser integral inserido no hospital. As intervenções psicológicas auxiliam na elaboração do luto antecipatório e no suporte emocional à equipe, conforme discutido por Santos et al. (2025). No cenário hospitalar, o psicólogo atua como um facilitador que humaniza o ambiente e fortalece o vínculo terapêutico. Essa presença é o que permite acolher a angústia diante da possibilidade constante da finitude humana.

A comunicação de más notícias em oncologia é descrita como uma prática complexa que exige um equilíbrio entre verdade e conforto. Oliveira et al. (2024) ressaltam que a forma como o diagnóstico é comunicado impacta diretamente na adesão ao tratamento e no bem-estar. O uso de protocolos estruturados ajuda a organizar a informação, mas não substitui a sensibilidade e a empatia necessárias. Caldas, Moreira e Vilar (2018) propõem que competências essenciais de comunicação devem ser ensinadas desde a graduação para reduzir o sofrimento ético. Por isso, o treinamento em habilidades comunicacionais deve ser um eixo central na educação para a morte e terminalidade.

A implementação precoce de cuidados paliativos no tratamento oncológico demonstra benefícios claros na redução do sofrimento e melhoria da vida. Segundo Silva (2025), a integração do CP desde o diagnóstico evita intervenções fúteis e hospitalizações agressivas no estágio terminal da doença. Cruz et al. (2016) trazem reflexões sobre a necessidade de introduzir essa temática precocemente na graduação em enfermagem. No entanto, ainda persiste o mito de que o cuidado paliativo é uma sentença de morte ou abandono terapêutico. A educação em saúde deve combater essa ideia, apresentando o paliativismo como um suporte contínuo, preventivo e humanizado.

No cenário da medicina contemporânea, o diálogo entre eutanásia e cuidados paliativos define os limites éticos da atuação profissional. Silva (2025) diferencia a intervenção ativa para provocar a morte da prática da ortotanásia, que é o foco ético dos cuidados paliativos. Enquanto a eutanásia gera debates sobre autonomia e moralidade, o CP foca na qualidade de vida sem acelerar o processo natural. Compreender essa distinção é vital para que o profissional ofereça conforto sem infringir princípios bioéticos e legais. A dignidade no morrer é alcançada através de um cuidado que respeita o tempo biológico e a biografia do paciente.

A carência de menção aos CP nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para medicina reflete uma lacuna institucional preocupante. Pineli et al. (2016) argumentam que, embora o texto das DCN valorize a humanização, a falta de conteúdo específico gera insegurança. Castro, Taquette e Marques (2018) revelam que poucas escolas médicas no Brasil incluem disciplinas obrigatórias de cuidados paliativos em suas matrizes. A inserção sistemática desses temas permitiria que o aluno desenvolvesse competências bioéticas e de comunicação precocemente. É necessário institucionalizar o ensino da finitude como parte obrigatória e não apenas eletiva do currículo médico.

A experiência de estágio em psicologia hospitalar voltada para CP demonstra um impacto positivo significativo na formação acadêmica. Barbosa, Matschinske e Albertuni (2024) relatam que o estágio permite ao aluno reconhecer a importância das intervenções psicológicas práticas. Santos et al. (2025) destacam que o suporte emocional a pacientes críticos em UTI exige uma escuta qualificada para reduzir a ansiedade. O contato direto com o paciente terminal desenvolve a capacidade de lidar com o sofrimento e a própria percepção de finitude. O estágio é o momento em que a teoria se transforma em empatia e competência clínica real.

Os impactos dos cuidados paliativos na redução de hospitalizações não planejadas evidenciam a eficiência desta abordagem para o sistema de saúde. Reis et al. (2024) destacam

que uma assistência paliativa integrada evita idas desnecessárias à emergência e procedimentos invasivos inúteis. Santos (2024) alerta para os desafios da comercialização da educação em CP, defendendo a padronização e qualidade ética das formações. Ao promover o controle de sintomas e o suporte domiciliar, o CP otimiza os recursos do SUS e preserva a dignidade. O modelo paliativo deve ser entendido como uma política pública estratégica de cuidado integral.

Na oncopediatria, a atuação do psicólogo é ainda mais crítica devido à complexidade emocional de tratar crianças e adolescentes com câncer. Brandão et al. (2026) enfatizam que o suporte deve se estender à família, que vivencia o impacto drástico do diagnóstico reservado. O cuidado paliativo pediátrico exige sensibilidade para lidar com o luto infantil e o sofrimento dos pais durante todo o processo. Souza Filho et al. (2021) discutem inclusive a inserção do CP na formação de profissionais de educação física para apoio na reabilitação. A humanização, neste contexto, é o que sustenta a esperança e o conforto da unidade familiar.

A produção científica sobre o tema indica que a educação para a morte deve ser vista como uma ferramenta de transformação social. Alves et al. (2019) apontam para a urgência de maiores debates teóricos e construções de saberes sobre os CP no meio acadêmico. A disseminação de pesquisas ajuda a quebrar tabus e a fundamentar práticas baseadas em evidências clínicas e humanísticas sólidas. O engajamento da sociedade e dos conselhos profissionais é essencial para que o tema ganhe a visibilidade necessária. A ciência, ao estudar o processo de morrer, está, na verdade, buscando formas mais dignas de honrar a vida.

Conclui-se que o sucesso dos cuidados paliativos depende de uma formação profissional que integre técnica e humanismo de forma indissociável. Como discutido por Costa, Poles e Silva (2016), o amadurecimento emocional é o resultado de um processo contínuo de sensibilização e prática. Caldas et al. (2018) reforçam que a definição de competências claras na graduação é o caminho para uma medicina mais humana. A

interdisciplinaridade e a comunicação eficaz são as ferramentas que garantem um morrer digno, cercado de cuidado e respeito. O futuro da saúde exige profissionais preparados para acolher a vida em todas as suas fases.

Considerações Finais

A trajetória deste estudo reforça que a educação para a morte e a formação em Cuidados Paliativos são urgências educacionais e éticas. A análise dos textos evidencia que a técnica médica isolada é insuficiente para lidar com a complexidade da terminalidade humana. É necessário que as instituições de ensino superior revisem seus currículos para incluir competências em bioética, comunicação de notícias difíceis e trabalho interdisciplinar de forma sistemática. O preparo emocional e teórico dos profissionais não apenas melhora a assistência ao paciente e seus familiares, mas também protege a saúde mental do próprio cuidador. A humanização do morrer é, em última instância, uma forma sublime de respeitar a vida.

Referências

- ALVES, R. S. F. et al. Cuidados paliativos: alternativa para o cuidado essencial no fim da vida. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, e185734, 2019.
- BARBOSA, N. P.; MATSCHINSKE, L. B.; ALBERTUNI, P. S. Vivências em Cuidados Paliativos: Um Relato de Experiência. **Capítulo 01**, 2024.
- BRANDÃO, L. M. et al. Atuação do Psicólogo Hospitalar em Contexto de Cuidados Paliativos na Oncopediatria. **Revista Cedigma**, v. 4, n. 9, 2026.
- CALDAS, G. H. O.; MOREIRA, S. N. T.; VILAR, M. J. Cuidados paliativos: Uma proposta para o ensino da graduação em Medicina. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, v. 21, n. 3, 2018.
- CASTRO, A. A.; TAQUETTE, S. R.; MARQUES, N. I. Cuidados paliativos: inserção do ensino nas escolas médicas do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, n. 2, 2021 (Ref. 2018).
- COSTA, A. C. X. et al. Cuidados Paliativos na Atenção Básica: Um Olhar para a Humanização. **Revista Cedigma**, 2024.
- COSTA, A. P.; POLES, K.; SILVA, A. E. Formação em cuidados paliativos: experiência de alunos de medicina e enfermagem. **Interface (Botucatu)**, v. 20, n. 59, 2016.
- CRUZ, R. A. O. et al. Reflexões acerca dos cuidados paliativos no contexto da formação em enfermagem. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 10, n. 10, 2016.
- FRANCO, I. S. M. F. Morte e luto em cuidados paliativos: vivência de profissionais de saúde. João Pessoa: UFPB, 2019.
- OLIVEIRA, P. J. et al. Entre a verdade e o conforto: desafios éticos na comunicação de más notícias. **Revista Cedigma**, v. 2, n. 4, 2024.
- PINELLI, P. P. et al. Cuidado Paliativo e Diretrizes Curriculares: Inclusão Necessária. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 40, n. 4, 2016.
- PRAZERES, C. S. et al. A Interdisciplinaridade como Pilar dos Cuidados Paliativos. **Capítulo 04**, 2024.
- REIS, D. L. et al. Impactos dos Cuidados Paliativos na Redução de Hospitalização Não Planejada. **Revista Cedigma**, v. 1, n. 1, 2024.
- SANTOS, A. P. A comercialização da educação e capacitação em cuidados paliativos no Brasil. **Revista Tópicos**, 2024.
- SANTOS, I. P. et al. Finitude e Bioética no Fim da Vida. **Revista Cedigma**, v. 2, n. 3, 2024.
- SANTOS, R. S. et al. Atenção ao Paciente Crítico: Experiência de Estágio em Psicologia Hospitalar. **Capítulo 02**, 2025.
- SILVA, E. M. F. Eutanásia e Cuidados Paliativos: Um Diálogo Ético e Clínico. **Revista Cedigma**, 2025.
- SILVA, J. A.; LOPES, J. C.; COSTA, L. H. S. Educação para a Morte como Instrumento de Humanização Hospitalar. **Revista Cedigma**, 2025.
- SOUZA FILHO, B. A. B. et al. Inserção dos Cuidados Paliativos na formação dos profissionais de educação física. **RBAFS**, v. 26, e0184, 2021.